



Escrevivendo

Robério Canto

Homens e gatos - Para eles, a vida é uma canseira só

Também os papéis, por numerosos que sejam, um dia acabam. Há na vida de todo burocrata um momento em que ele constata que não tem nada de importante ou de urgente para fazer. Momento em quem atinge o dom de tornar-se perfeitamente inútil, de uma inutilidade santa, que não causa vergonha ou remorso. Nada a resolver, nada a decidir, nenhuma opinião a ser dada. Vagarosamente, a cabeça vai ficando tão vazia quanto a mesa, ambas limpas e serenas. Até Deus descansou no sétimo dia. E não falta quem ache que Ele podia ter parado no quinto dia, antes de criar o homem, a única de suas criaturas que até hoje Lhe dá trabalho, e que inventou para si mesmo problemas para resolver, formulários para preencher, contas para pagar.

O burocrata aproveita a bonança imprevista, vai até a janela, e o que vê? Outras pessoas desocupa-

das como ele? Um dos principais passatempos dos brasileiros é falar mal dos brasileiros. Cada um acha que, excetuando a si mesmo e a dois ou três amigos, todos os demais fazem parte de uma vasta quadrilha de malandros irrecuperáveis, que só pensam em sombra e água fresca e umas cervejinhas nos fins de semana.

No entanto, o que o burocrata descobre, ao olhar para a rua, é que ali na esquina o terreno está sendo preparado para que nele se erga um novo prédio. Já de saída antipatiza com o monstrego a ser parido naquele local e que, tão logo levante o esqueleto, vai fechar-lhe o único vão por onde ainda é possível ver, de sua janela, um pedaço de montanha.

Escondidos pelos tapumes da obra, três peões trabalham, removendo pedras, abrindo buracos, carregando os restos mortais de uma casa que existiu naquele local.

Não usam nessas tarefas modernos recursos tecnológicos. Nada de computadores americanos, robôs japoneses ou meros tratores nacionais. Os guindastes são seus músculos. Queimam suas próprias energias, gastam o mais barato dos combustíveis, consumindo a si mesmos. De suas mãos brotam enxadas, marretas e pás que, vistas das janelas do burocrata, mais parecem galhos exóticos de estranhas árvores em movimento.

Esses homens, essas máquinas, esses homens-máquinas, trabalham assim desde que pela primeira vez lhes entregaram um saco de cimento e eles conseguiram carregá-lo. Se lhes dissermos que no Brasil as pessoas trabalham menos do que nos países estrangeiros, que o operário brasileiro é um bon-vivant, eles vão achar que estamos brincando. Se conseguirmos convencê-los de que falamos a sério, eles resmungarão

convictos, ainda que respeitosos: "Esses caras tão malucos!"

Porque, para eles, a vida é uma canseira só. Aos domingos, repousam fazendo biscates, ou entram nos mutirões que o poder público, generosamente, promove nos bairros pobres. Também vão para os campos de pelada, bebem cachaça, fazem cantoria, que ninguém é de ferro. E, se assim não fizessem, iam nos tirar o prazer de criticá-los por não terem juízo, nem interesse em subir na vida. "É por isso que essa gente não progride", sentenciamos numa mistura bem dosada de desprezo e pena.

Mas, desviando os olhos, o burocrata vê quatro ou cinco gatos sobre o telhado vizinho à obra. Não os chama de vadios, porque considera isso pleonasma mais do que vicioso. Quem já conheceu um gato de rua ao qual não se grudasse automaticamente o

adjetivo vadio? Derramam-se ao sol, como se fossem de gelatina e chegam a assumir a forma ondeada das telhas.

No chão, os operários trabalham, ignorantes da fama de preguiçosos que, por serem brasileiros, já ao nascer adquiriram. Acima deles, os gatos descansam de nunca terem feito nada. No último andar, o burocrata observa as duas cenas. Meio operário, admira os homens que cumprem penosamente a condenação bíblica de ganhar o pão com o suor do próprio rosto. Meio gato, inveja a ociosidade dos felinos, que vivem de contemplar o trabalho alheio, e nem por isso têm crise de consciência.

O burocrata começa a abrir gavetas e a procurar o que fazer.

Robério Canto é escritor,
professor e membro da
Academia Friburguense de Letras



Educação

Hamilton Werneck

www.hamiltonwerneck.com.br

O que é preciso para melhorar a educação no Brasil?

Críticos há em quantidade suficiente e o que se diz nas análises negativas comprovam que sabemos o que não devemos fazer. Resta saber o que devemos fazer, o quanto antes, para a educação brasileira dar o salto que as avaliações nacionais esperam e os mercados anseiam.

Desde o final da segunda grande guerra, em agosto de 1945, os países desenvolvidos iniciaram um processo de investimentos maciços em educação, embora alguns tenham já alterado o panorama sombrio em tempos anteriores ao conflito de 1914-1918.

Pressionado pelos mercados mais competitivos o Brasil iniciou este processo bastante atrasado, conseguindo ajustar quatro pilares necessários na década de 1990. Quatro partes do processo estão caminhando bem e resta, apenas, o aprimoramento. Vale dizer que, desde o ex-ministro Paulo Renato, até o ministro Haddad, há projetos em andamento sem sofrerem descontinuidade.

Vejamos: praticamente todas as crianças em idade escolar entre 6 e 14 anos estão nas escolas. Quem está distante conta com o transporte das secretarias de educação ou com os vales para uso no transporte público. Muitos carentes têm na escola a melhor refeição do dia e a merenda escolar é uma realidade. Praticamente, em todas as regiões, esses programas funcionam em parceria com as prefeituras. Já que um bom estudo exige material escolar e livros, também nesse aspecto o Brasil atendeu bastante bem, embora nem todas as escolas consigam os livros escolhidos em primeira opção pelos educadores. Então, a mente das pessoas elabora uma pergunta importante: O que está faltando para que a educação deslanche?

Ficam faltando, exatamente, medidas outras que os países desenvolvidos colocaram em prática e o Brasil engatinha. Às vezes engatinha mesmo com programas já

estabelecidos.

Primeiro passo: adequar os programas que se usam nas escolas ao desenvolvimento psicológico das crianças além de adaptar os mesmos programas à realidade da vida e do mundo. Atualização dos conteúdos e praticidade dos conteúdos.

Segundo passo: melhorar o salário dos educadores e racionalizar a quantidade deles, entre atividades meio e atividades fim nas secretarias de educação e escolas das redes. Há municípios em que os salários são atraentes, porém, na maioria, são desestimulantes. As propostas do Fundeb (Fundo de Manutenção, Desenvolvimento da Educação Básica e Valorização dos Profissionais de Educação) criam sorrisos nas regiões mais pobres e não encantam nas regiões mais ricas, exceto naquelas onde a administração é um desastre tão grande pelo excesso de funcionários que nem uma excelente arrecadação garante um salário melhor. Vale

dizer que se a relação assistêmica (divisão do total dos alunos pelo total de funcionários da secretaria de educação) for menor que $\frac{1}{4}$, não há milagres que sejam capazes de melhorar o salário dos educadores. Conheço um município em que essa relação é de 1/3,33!

Terceiro passo: a formação continuada dos educadores porque, com uma formação apenas secundária, não será possível provocar a transformação que a educação requer. Portanto, investimentos em formação continuada são necessários em todos os níveis.

Quarto passo: tempo integral das crianças nas escolas. Assim elas poderiam estar fora das ruas, ter atividades complementares, desenvolver projetos diferenciados daqueles propedêuticos do turno acadêmico, participar da educação paralela e ter os reforços necessários para assimilar o que não foi possível com as aulas expositivas que assistiram.

O custo desses quatro pontos

poderá sair mais barato se todos aprenderem e nós acabarmos com essa pedagogia de empurrar alunos que não sabem para a série seguinte, numa demonstração clara de ser uma pedagogia para pobre continuar pobre! A boa escola ensina e o aluno aprende. O custo acabará sendo menor porque as séries terão menor quantidade de repetentes e o retorno social do investimento será mais palpável.

Por onde começar, então? Numa visão cartesiana, deveríamos estabelecer prioridades, numa visão sistêmica, devemos pensar na implementação desses quatro tópicos concomitantemente.

Nós sabemos por onde começar e por onde implementar. Se isso não for feito os resultados dos exames nacionais continuarão a refletir os mesmos graus de desempenho dos alunos e a educação não dará o salto que a sociedade requer.

Professor Hamilton Werneck é pedagogo, escritor e palestrante



Estado do Rio de Janeiro

BOUSA



Câmara Municipal de Nova Friburgo

MUNICÍPIO DE NOVA FRIBURGO - PODER LEGISLATIVO
 RELATÓRIO DE GESTÃO FISCAL
 DEMONSTRATIVO DA DESPESA COM PESSOAL (PARA SIMPLES CONFERÊNCIA)
 ORÇAMENTOS FISCAL E DA SEGURIDADE SOCIAL - PERÍODO DE REFERÊNCIA: 2º Quadrimestre / 2018

REF: ANEXO 1 ES 1.00

DESPESA COM PESSOAL	DESPESA EXECUTADAS (Últimos 12 Meses)												RECEITA CORRENTE LÍQUIDA	
	LÍQUIDADA													
	Set/2017	Out/2017	Nov/2017	Dez/2017	Jan/2018	Fev/2018	Mar/2018	Abr/2018	Maio/2018	Jun/2018	Jul/2018	Agô/2018		08.º Trimestre
DESPESA ÚNICA COM PESSOAL (B)	676.226,41	612.420,75	669.939,97	1.433.801,17	608.224,89	593.229,38	702.079,23	669.312,13	830.227,21	808.326,26	1.026.429,24	668.569,81	6.894.266,31	0,00
Pessoal Ativo	676.226,41	612.420,75	669.939,97	1.433.801,17	608.224,89	593.229,38	702.079,23	669.312,13	830.227,21	808.326,26	1.026.429,24	668.569,81	6.894.266,31	0,00
Vencimentos, Vantagens e Outras Despesas Variáveis	314.227,49	274.484,78	302.076,41	630.241,62	268.008,38	263.814,74	314.076,61	288.000,88	344.901,51	327.816,41	392.241,21	244.000,22	2.424.213,31	0,00
Obrigações Previdenciárias	191.893,02	168.948,97	181.864,53	365.322,79	153.222,22	149.471,74	184.762,81	178.228,28	214.972,21	211.008,21	251.008,21	151.008,21	1.481.008,21	0,00
Benefícios Previdenciários	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Pessoal Inativo e Previdente	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Aposentadorias, Resenhas e Retenções	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Pensões	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Outras Benefícios Previdenciários	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Outras Despesas de Pessoal Decorantes de Contratos de Trabalho (art. 18, §1º, LRF)	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Despesas com Computação (art. 20, § 7º da LRF) (B)	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Indenizações por Danos e Incidentes a Danos de Danos	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Despesas de Danos de Danos	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Despesas de Exercícios Anteriores	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Indenizações e Penalizações com Recursos Vinculados	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
DESPESA LÍQUIDA COM PESSOAL (B) - (B) - (B)	676.226,41	612.420,75	669.939,97	1.433.801,17	608.224,89	593.229,38	702.079,23	669.312,13	830.227,21	808.326,26	1.026.429,24	668.569,81	6.894.266,31	0,00
APURAÇÃO DO CUMPRIMENTO DO LIMITE LEGAL													VALOR	% SOBRE A RCL AJUSTADA
RECEITA CORRENTE LÍQUIDA - RCL (VI)													425.606.763,30	
(I) Trib. Contribuições obrigatórias do Estado relativas às empresas individuais (VI) (B) (3), art. 166 da CF)													0,00	
= RECEITA CORRENTE LÍQUIDA AJUSTADA (VI)													425.606.763,30	
DESPESA TOTAL COM PESSOAL - DTP (VII) = (B) + (B)													11.522.750,33	2,67%
LIMITE MÁXIMO (VIII) (Instituição I, II e III, art. 20 da LRF)													20.153.793,93	4,70%
LIMITE PREVIDENCIAL (IX) = (I), (II) e (III) (Instituição Único do art. 22 da LRF)													24.000.104,14	5,70%
LIMITE DE ALERTA (X) = (I), (II) e (III) (Instituição Único do art. 22 da LRF)													25.536.414,41	6,00%

Nova Friburgo, 28 de setembro de 2018.

NATACHA CEREJA GAMBINI
Tesoureira

CLÁUDIO EGGER BARBETO
Depto. de Controle Interno

Walter Inácio da Silva
Técnico em Contabilidade
CRC-RJ 041086/D-7

MARCIO JOSÉ DA SILVA DAMAZIO
1º Vice-Presidente

ALEXANDRE AZEVEDO DA CRUZ
Presidente

PIERRE DA SILVA MORAES
1º Secretário

SIGFIS - Versão 2018

*Replicado por incorreção.
Data de Emissão: 02/10/2018 11:49h

Anexo 1 do RGF

